

Diabetes Melito em Gato

O Diabetes Melito (DM) é uma enfermidade endócrina crônica que se manifesta em resposta a uma falta relativa ou absoluta de insulina.

Desde que, em 1927, houve a primeira descrição do DM em gatos, a doença vem sendo diagnosticada em número crescente de felinos. Numa análise mais minuciosa, o DM seria melhor descrito não como uma doença mas como um conjunto heterogêneo de desordens, cuja secreção de insulina pelas células β pancreáticas está prejudicada ou as células de certos tecidos encontram-se resistentes à ação da insulina, comprometendo assim a capacidade do organismo de regular o metabolismo da glicose.

Pesquisa intensa

O DM em felinos é um assunto de intensa pesquisa, pois ainda existem diversos aspectos sobre sua patogênese a serem elucidados. No momento, existe um grande número de agentes hipoglicemiantes orais normalmente utilizados em seres humanos, sendo testados na espécie felina e um novo conceito sobre a alimentação de gatos diabéticos vem sendo desenvolvido.

Duas formas

O DM pode apresentar-se de duas formas: a não complicada, que deve ser tratada com agente hipoglicemiante oral ou insulina, ambos associados à mudança alimentar, e a complicada, que requer hospitalização, uso de insulina e tratamento de suporte intensivo, pois vem acompanhada de graves alterações metabólicas que resultam em cetoacidose, desequilíbrios hidroeletrólíticos, depressão e morte.

Incidência

No ano de 1990, um estudo foi realizado com o objetivo de traçar o perfil do gato diabético. De acordo com essa pesquisa, o gato diabético típico é obeso (peso superior a 6,8 kg), idoso (mais de 10 anos), macho e castrado.

Diagnóstico

O DM não complicado é diagnosticado quando há presença de persistente hiperglicemia em jejum



(acima de 200 mg/dL) e glicosúria associada a, pelo menos, três sintomas clássicos de diabetes.

O clínico deve levar em conta que o estresse, independentemente da sua origem, pode provocar acentuada hiperglicemia e até mesmo glicosúria transitória em gatos. Assim sendo, deve-se considerar o maior número de dados possíveis para chegar ao diagnóstico.

Tratamento do DM não complicado

O veterinário pode se sentir tentado a iniciar imediatamente o tratamento com insulina, após o diagnóstico de diabetes, pensando que o animal está em crise e com risco de desenvolver cetoacidose.

No entanto, sugere-se que em animais sintomáticos, porém estáveis e sem sintomas de cetoacidose, seja feita uma triagem com o uso de um agente hipoglicemiante oral (Glipizida) e mudança de dieta. Se houver regressão dos sintomas e controle da glicemia, o animal é considerado não dependente de insulina.

Matéria extraída do capítulo Diabetes Melito, de autoria da médica veterinária Vanessa Castanheda de Souza, publicado na Coletâneas em Medicina e Cirurgia Felina, da Professora Heloisa Justen M. de Souza.

Como permanecer livre da PRRSV

Síndrome Respiratória e Reprodutiva dos Suínos

O status do Brasil como negativo para a PRRSV evita um custo significativo pago pelos países positivos e, portanto, proporciona uma grande vantagem de produção a seus produtores. Vale à pena o esforço para conservar esta vantagem.

Essencialmente, nenhum dos sinais clínicos atribuídos à PRRS é específico da infecção pelo PRRSV, ou seja, doenças reprodutivas ou respiratórias produzidas por infecção pelo PRRSV podem ser semelhantes às causadas por outros patógenos bacterianos e virais.

Não há lesões patognomônicas específicas para o PRRSV e são necessários testes diferenciais para um diagnóstico definitivo. O diagnóstico diferencial inclui infecção pelo parvovírus suíno, vírus da doença de Aujeszky, vírus da encefalomielite hemaglutinante, circovírus suíno ripo 2, enterovírus suíno, vírus da influenza suína, vírus da peste suína clássica, citomegalovírus suíno e leptospirose.

O PRRSV deveria ser incluído entre os diferenciais quando se faz o diagnóstico de doença reprodutiva ou respiratória. No entanto, uma história clínica e patológica que sugira infecção por PRRSV deve ser confirmada pela detecção de antígenos virais, material genômico viral ou isolamento do vírus de peças clínicas.

Fontes prováveis

Com base nas informações atualmente disponíveis, o meio mais provável de introdução do PRRSV em uma área, região ou país suscetível é através de suínos infectados ou sêmen contaminado com o vírus.

A introdução através da importação de carne suína contaminada pelo vírus parece representar baixo risco pelo simples fato de jamais ter ocorrido, apesar da ampla comercialização de carne de porco de países enzooticamente infectados



há muitos anos. De forma semelhante, espécies hospedeiras alternativas podem existir, mas não foram identificadas.

Matéria extraída de artigo publicado no No.05-2007-Edição 2006-Ano 30 da revista Suinocultura Industrial, de autoria do médico veterinário Jeffrey J. Zimmerman, graduado pela Universidade Estadual de Iowa (USA), mestre em Medicina Preventiva e doutor na área de Microbiologia Veterinária.

Qualidade da casca e integridade óssea de poedeiras comerciais



Determinantes técnico-científicos envolvidos na prática de muda induzida e no impacto de novas estratégias de manejo nutricional sobre o bem-estar das aves são buscados constantemente com o objetivo de propiciar avanços em termos de competitividade ao teor de postura frente a um mercado globalizado e às questões de rastreabilidade.

O emprego de um programa de muda alternativo, no qual utilizou-se uma dieta com baixo nível energético e protéico durante 27 dias, cujo ingrediente principal foi um subproduto da indústria de beneficiamento do trigo, mostrou ser menos deletério à mineralização óssea durante a muda, comparado a um programa de muda convencional (com jejum alimentar durante 10 dias).

Os resultados das características de qualidade de casca avaliados indicam o potencial de uso dos tratamentos alternativos em substituição ao programa de muda convencional.

Matéria extraída de trabalho publicado na revista Avicultura Industrial No.06-Ano 98 –Edição 1.157, de autoria de Helenice Mazzuco, zootecnista, PhD, pesquisadora da Embrapa Suínos e Aves.

Região Metropolitana do Rio vive surto de esporotricose

Paul Jürgens

O aumento do número de casos de esporotricose na Região Metropolitana do Rio de Janeiro vem preocupando autoridades e pesquisadores da área da saúde fluminense. A micose, que no passado tinha origem em lesões provocadas pela manipulação do solo, por farpas de madeira ou espinhos de plantas, hoje é transmitida, na maioria das vezes, por animais doentes. No final de julho, a chefe do Laboratório de Micologia do Hospital Universitário Pedro Ernesto (Hupe/Uerj), Rosane Orofino, fez o alerta sobre a rápida progressão do número de casos relatados no estado em artigo publicado no site da Sociedade Brasileira de Dermatologia - Regional Rio de Janeiro. Os números apresentados pela pesquisadora são endossados por Leila Lopes Bezerra, coordenadora do Laboratório de Micologia Celular e Proteômica (LMCProt), da Uerj.

“Não há dúvida de que todo o Grande Rio está vivendo uma epidemia de esporotricose”, confirma Leila. “Esse surto zoonótico, contudo, tem atingido principalmente os municípios da Baixada Fluminense, como Duque de Caxias e São João de Meriti. Embora em menor concentração, há igualmente casos espalhados por toda a cidade do Rio, incluindo bairros das zonas Sul e Oeste”, diz Leila. Desde 2005, ela é vice-coordenadora da Rede de Desenvolvimento de Métodos Moleculares de Diagnóstico de Doenças Infecciosas, Parasitárias, Cardiovasculares e Neurodegenerativas, e, paralelamente, também coordena dentro da mesma rede o grupo de pesquisa encarregado de estudar essa patologia. A rede foi uma das contempladas em edital lançado pela FAPERJ em parceria com o Ministério da Saúde.

Foi em 1998 que a equipe comandada por Leila no Instituto de Biologia da Uerj começou a desenvolver um método para o diagnóstico sorológico da doença a partir de análises em pacientes portadores da patologia. Aplicado em cerca de 300 pacientes até o momento, o teste já foi validado clinicamente segundo protocolos internacionais. “Tudo indica que na maioria dos casos a patologia é transmitida por gatos. Mas há evidências de que cães também estariam contribuindo para a difusão da doença”, diz Leila.

Os números divulgados por Rosane Orofino em seu artigo, dão conta da abrangência do fenômeno: se no Hupe foram registrados 94 casos entre 2000 e 2006, no Instituto de Pesquisa Evandro Chagas (Ipec-Fiocruz) a estatística salta para 759 casos entre 1998 e 2004. Neste mesmo período, o Departamento de Zoonoses da Fiocruz diagnosticou a doença em 1.503 gatos e 64 cães domésticos.

De acordo com Rosane, o sinal mais comum da doença é um caroço avermelhado, dolorido, que vira uma ferida que não cicatriza e se expande em número e tamanho, apesar do tratamento com antibióticos. “Algumas pessoas também apresentam sintomas articulares como inchaço, vermelhidão e dor nas juntas. Quem está debilitado por outras doenças como diabetes, Aids, câncer ou alcoolismo crônico, pode ter manifestações mais graves e a esporotricose pode atingir outros órgãos, como pulmões ou cérebro (meningite). O tratamento dura de dois a seis meses, e numa pessoa que tenha defesa normal é benigna e curada totalmente”, garante.

As pessoas que têm contato particular ou profissional – caso dos veterinários – com gatos e cães, são as que integram o grupo de indivíduos sob maior risco de contrair a enfermidade. Nos animais, a manifestação da doença ganha a mesma aparência daquela verificada em seres humanos, com o surgimento de feridas e lesões de mucosa.



Dra. Leila Bezerra

Objetivo da pesquisa é validar teste de diagnóstico visando sua adoção pelo SUS

Os estudos realizados pela equipe de Leila têm, entre seus objetivos, o desenvolvimento de um método de diagnóstico sorológico, que teve sua validação clínica comprovada em parceria com o Laboratório de Micologia do Hospital Universitário Pedro Ernesto e com a participação de pesquisadores do Ipec-Fiocruz. O passo seguinte é a adoção do teste pela rede de hospitais do Sistema Único de Saúde (SUS). No momento, o método é usado apenas nos hospitais que fazem parte do projeto da Rede de Desenvolvimento de Métodos Moleculares de Diagnóstico de Doenças Parasitárias, Cardiovasculares e Neurodegenerativas.

“O teste para diagnóstico pode ser feito gratuitamente no Laboratório de Micologia da Uerj, associado ao Hospital Pedro Ernesto”, avisa Leila. Para Rosane, é essencial o diagnóstico correto e a identificação da fonte de infecção. “Só assim será possível reduzir a doença a índices toleráveis”, escreve em seu artigo. O diagnóstico definitivo é feito através do pus das lesões nos laboratórios de micologia.

O fungo causador da doença, o *Sporothrix schenckii*, foi isolado da secreção nasal, cavidade oral e unhas de gatos, o que reforça a tese de transmissão felina, seja por meio de arranhões ou mordidas. As especialistas explicam que os animais também podem ser tratados, mas por meio de medicação específica. Entre outros fatores, o aumento de casos tem – segundo Leila – origem na briga entre os animais por território e no enterro dos corpos de animais mortos pela doença em áreas próximas a moradias, principalmente em regiões de baixa renda, que não dispõem de condições sanitárias adequadas. Os pesquisadores alertam que os animais mortos pela doença devem ser cremados. “Esse surto zoonótico mudou completamente o padrão epidemiológico da doença”, diz Leila. “Antes, essa patologia era relacionada como uma doença ocupacional, típica das áreas rurais, que atingia principalmente trabalhadores agrícolas e aqueles que trabalhavam com jardinagem. Nas cidades, era raramente observada”, esclarece.

Continua >>



Leila garante que se trata do maior surto zoonótico de esporotricose já descrito em literatura médica, e que levou a um surto epidêmico da doença em humanos – decorrente da transmissão direta ‘gato-homem’. Anteriormente, o maior surto epidêmico do gênero até então reportado havia ocorrido na África do Sul, entre 1941 e 1944. Naquele país, as ripas de madeira que davam sustentação a túneis e galerias de uma mina

na província aurífera de Witwatersrand foram contaminadas pelo *S. schenckii*. Cerca de 3 mil pessoas da força de trabalho empregada no local foram contaminadas.

Leila conta que o grupo de pesquisa vem tentando estabelecer uma parceria com Laboratório Central de Saúde Pública – Noel Nutels (Lacen), órgão sob a responsabilidade do governo do estado por meio da Secretaria Estadual de Saúde. “Estamos em fase de entendimento com o Lacen para que nos tornemos uma unidade de referência do diagnóstico sorológico dessa patologia”, adianta Leila.

A pesquisadora adverte que a população do estado deve procurar assistência veterinária ou médica caso perceba os sinais e sintomas característicos da esporotricose. “O tratamento e a prevenção são fundamentais para frear o aumento do número de casos da micose”. E o dermatologista é o especialista indicado para diagnosticar corretamente a doença.

Leia mais: http://www.sbdjrj.org.br/epidemia_de_esporotricose.asp
Matéria transcrita de comunicado da FAPERJ para o CRMV/RJ Jornal.

O uso da criocirurgia na dermatologia veterinária

O uso do frio pela medicina é muito antigo. Utilizando inicialmente de forma empírica, teve grandes avanços nos séculos XIX e XX, evoluindo juntamente com a física. O surgimento de novas técnicas e equipamentos permitiu que a crioterapia se tornasse uma importante opção no tratamento de neoplasias benignas e malignas em dermatologia. O grande desenvolvimento tecnológico permitiu, além do maior número de indicações, melhores resultados, mormente com o uso de técnicas de imagem para o acompanhamento do procedimento. A técnica de sonda fechada oferece congelamento e subsequente necrose mais superficial do que os outros métodos, sendo a técnica menos efetiva. Em todas as técnicas, o volume, o diâmetro e a profundidade são inferiores no tecido necrosado quando comparados aos seus similares no tecido congelado. Em nenhuma das técnicas, a profundidade de congelamento foi equivalente ao seu raio. A crioterapia revela-se ainda um procedimento prático, seguro e efetivo nas condições da clínica veterinária brasileira.

Agente principal

O nitrogênio líquido é, dentre os agentes criogênicos, aquele mais utilizado na crioterapia em todas as latitudes. Atinge a temperatura de 195,8 graus negativos. É incolor, inodoro, ininflamável, atóxico e inerte. Pode ser manipulado pelos médicos veterinários ou auxiliares destes com mínimas precauções, que incluem: não manipular metais congelados pelo nitrogênio, não acondicioná-lo em recipientes selados que não sejam aqueles apropriados, e tampouco em recipientes plásticos e, finalmente, não ter contato direto com o líquido.

O nitrogênio líquido deve ser acondicionado em botijões apropriados, com distintas capacidades de armazenamento (de 10 - 50 litros do líquido). O nitrogênio líquido é o mais barato dos criógenos em termos de custo. É, ainda, um criógeno extremamente potente. Tem a maior capacidade de penetração em tecidos, além de promover um congelamento extremamente rápido quando cotejado com os seus congêneres.

Matéria extraída da revista *Clínica Veterinária*, Ano XII, n.69, julho/agosto, 2007, de autoria dos médicos veterinários prof. Ronaldo Lucas (FMV/Anhembi-SP e Carlos Eduardo Larsson (FMVZ/USP).

Reprodução de eqüinos



Videolaparoscopia

A técnica mais recente é a inseminação através da videolaparoscopia, que consiste na deposição do sêmen diretamente dentro do útero em uma região anatômica específica, permitindo a utilização de quantidade bem menor

de sêmen em comparação com os métodos convencionais. É um método voltado principalmente para animais com alguns tipos específicos de problemas reprodutivos e para aproveitamento de sêmen de alto valor ou de animais mortos onde exista pouca disponibilidade do material.

Transferência de embriões

É técnica amplamente usada em nosso país principalmente pelas raças aqui desenvolvidas, como Campolina, Mangalarga, Mangalarga Marchador, sendo o Brasil um dos maiores produtores mundiais de embriões eqüinos através do uso de transferência de

forma comercial. Assim como a inseminação artificial potencializa o uso dos garanhões, a transferência de embrião maximiza a utilização de matrizes geneticamente superiores.

Naturalmente, uma égua produz no máximo um produto por ano. Com essa técnica, irá produzir vários, deixando um número bem maior de descendentes durante sua vida reprodutiva. Há outras vantagens e indicações, como em matrizes sem possibilidade de gestar, em campanha esportiva ou de exposições e idade avançada.

A homogeneização do plantel é um ponto forte resultante da sua utilização. Na técnica, se transfere o embrião com idade entre 6-9 dias de uma doadora para uma receptora que levará a gestação a termo.

Também é realidade o congelamento dos embriões, o que possibilita o armazenamento.

Vantagens

Todas as biotecnologias trazem inúmeras vantagens, quando bem direcionadas. Por esse motivo, é de grande importância uma avaliação técnica minuciosa em sua implantação, principalmente no que diz respeito às particularidades dos animais envolvidos, normas das associações em relação à aceitação ou não da técnica, localização da propriedade e custo do procedimento.

Matéria extraída de trabalho de autoria de Thyago Escodro Dercoli, veiculada na Internet.